

IARA E ENARÊ – UM AMOR MARCADO NO CÉU PARA SEMPRE

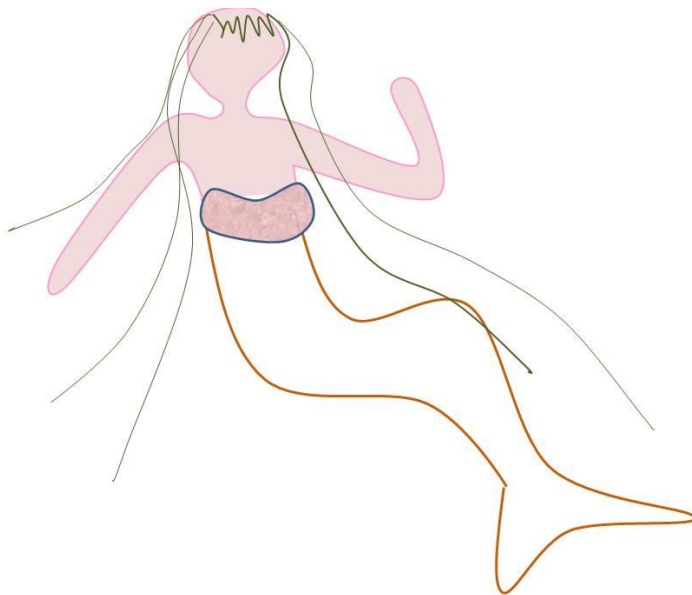
Elizabeth Christina Rodrigues Bittencourt

São Paulo, 2013

BITTENCOURT, E. C. R. *Ilara e Enarê – um amor marcado no céu para sempre*. São Paulo: Clube de Autores, 2013.

Dedicatória

A todos aqueles que se encantam com antigas lendas e ainda sonham que tudo pode dar certo.



Apresentação

Lendas existem para encantar crianças e adultos e provocar a reflexão sobre os fatos relatados. Muitas delas oferecem ainda conhecimentos sobre a natureza e cultura das populações das mais diferentes regiões.

Na sua difusão fatos são acrescentados ou modificados, fazendo com que a lenda se modifique com o tempo, nas diferentes regiões, pois depende da forma com que é contada. A descrição da lenda nesta história parte do que está contido no livro “O Saci”, de Monteiro Lobato.

Esta produção pretende uma leitura diferenciada, que parte da leitura e comentários feitos por alunos do Ensino Fundamental durante uma semana, no mês do Folclore.

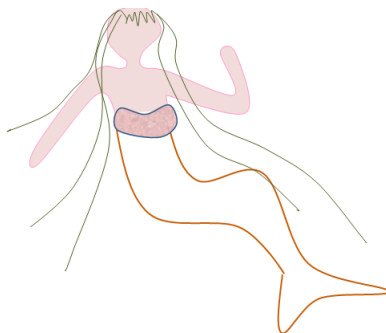
Buscando um colorido atual e que possa oferecer acréscimo aos conhecimentos dos leitores, duas espécies de vegetais, encontrados no Brasil foram inseridos no texto, e os conhecimentos a eles referidos são acrescentados ao final da história.



Conta uma lenda indígena que a lara, antes de ser encantada, era uma indígena bela e guerreira, muito admirada por todos os rapazes da tribo.

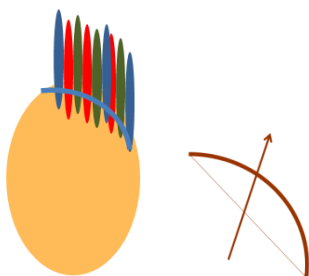
Dentre eles destacava-se um guerreiro de nome Enarê, forte e valente, que muitas vezes admirava lara sem declarar sua admiração, porque a família dela achava que ela era jovem demais para casar-se. lara caçava e guerreava como nenhuma das outras moças da tribo, mas chegou um tempo em que ela também quis se casar e seus olhos se encontraram com os de Enarê.

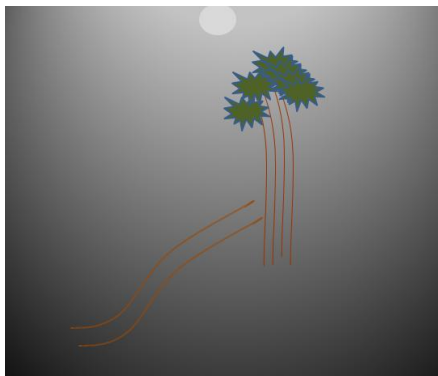
O destino conspirou contra este amor e a lara foi encantada e ficou morando nas águas com metade do corpo semelhante à de um peixe.



Enarê ficou inconsolável e nenhuma moça chamava mais a sua atenção. Seus pensamentos estavam presos às lembranças que tinha da lara: sua beleza, sua doçura, sua voz...

Consultando o Pagé, soube que o encantamento que havia transformado a lara e a mantinha no reino das águas só seria rompido por alguém que muito a amasse. Decidiu então iniciar esta aventura, seguindo as instruções do Pagé.

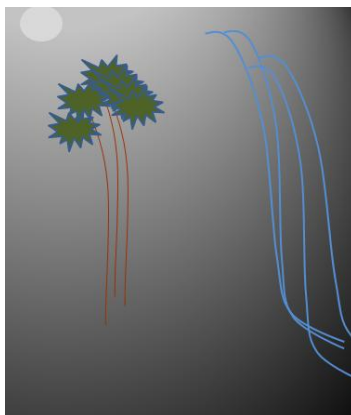




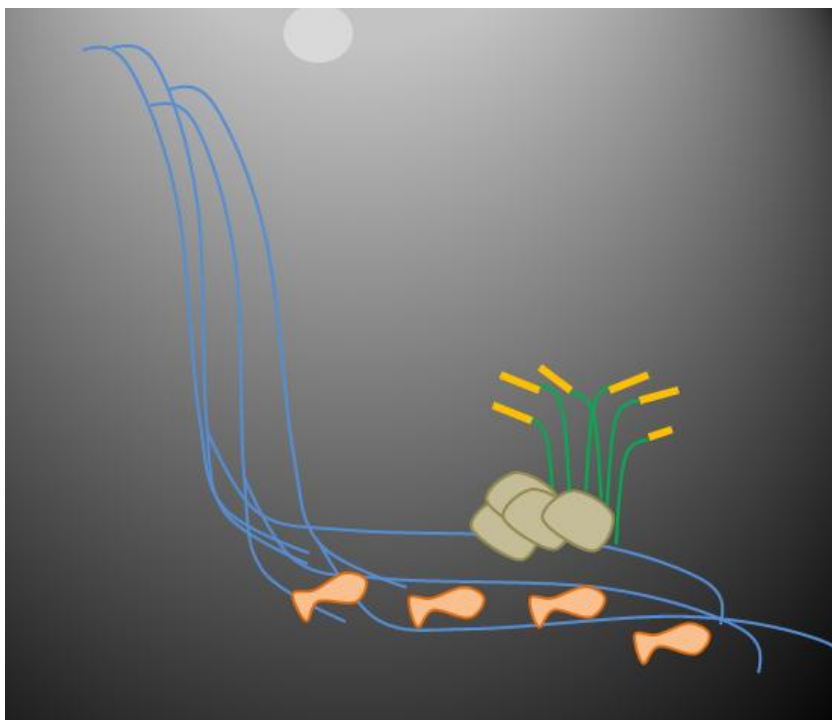
Em uma noite de lua cheia, num céu sem nuvens e sem ventania, partiu da tribo pelo longo caminho de terra batida que levava até a cachoeira, onde diziam que a lara podia ser vista.

Passando por um bambuzal cortou um caniço de bambu seco e amarelado, de uns dois palmos de comprimento. Conferiu, com um assopro que o ar passava de um lado até o outro.

Continuou seu caminho até a cachoeira e lá chegando olhou em volta para encontrar o melhor local para se esconder. Só pedras, já arredondadas pela lapidação ao longo do tempo, e a água a cair sobre elas, num murmúrio doce e contínuo.



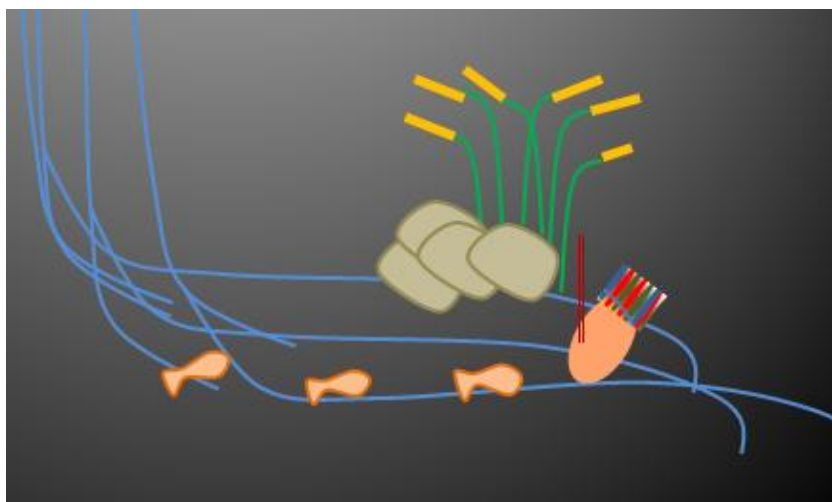
As águas eram tão límpidas que pareciam nem existir, pois se avistava facilmente o fundo do rio, e nelas deslizavam, morosos, pequenos peixes.



Ao lado de uma destas rochas havia uma moita de taboas que brilhava ao luar, que agora se tornava mais claro, com a lua cheia a despontar no céu.

Enarê aproximou-se da moita e encontrou no fundo do rio um vão onde seu corpo poderia ficar mergulhado. Deitou-se nele, afundando o corpo inteiro nas águas.

Segurando uma das extremidades do canudo na boca afundou a cabeça na moita de taboas. A outra extremidade do canudo de bambu ficava no meio da folhagem e, assim, ele conseguia respirar sem dificuldade.



De tempos em tempos Enarê levantava a cabeça e olhava para todos os lados, esperando a chegada da lara.